

**A GEOLITERATURA EM REDENIR DOS SANTOS:
UM OLHAR SOBRE O TERRITÓRIO ARRAIANO**

**GEOLITERATURE IN REDENIR DOS SANTOS:
A LOOK AT THE ARRAIANO TERRITORY**

**GEOLITERATURA EN REDENIR DOS SANTOS:
UNA MIRADA AL TERRITORIO ARRAIANO**

*Domingos da Costa Rodrigues*¹

Universidade de Brasília (UnB), Brasília/DF, Brasil

Resumo: *Arraias, um portal para o além*, obra ficcional de Redenir dos Santos, traz uma narrativa que nos parece fantástica, mas que o autor afirma, de maneira categórica, discutir sobre fatos reais. No mesmo passo, aborda acontecimentos históricos e geográficos determinantes para a formação atual do território de Arraias, município do Estado do Tocantins. Em torno da saga da família do garoto Deco, Redenir consegue caracterizar os sujeitos e seus imaginários, as paisagens e os lugares do cotidiano arraiano, deixando um dos melhores testemunhos, em prosa, das realidades sociais, simbólicas e culturais do território do sudeste tocantinense.

Palavras-chave: Geografia. Literatura. Arraias/TO.

Abstract: *Arraias, um portal para o além*, a fictional work by Redenir dos Santos, brings a narrative that seems fantastic to us, but which the author categorically claims to discuss real facts. At the same time, it discusses historical and geographical events that were decisive for the current formation of the territory of Arraias, a municipality in the State of Tocantins. Around the family saga of the boy Deco, Redenir manages to characterize the subjects and their imaginaries, the landscapes and places of everyday of Arraia's citizens, leaving one of the best testimonies, in prose, of the social, symbolic and cultural realities of the territory of the southeast of Tocantins.

Keywords: Geography. Literature. Arraias/TO.

Resumen: *Arraias, um portal para o além*, obra ficticia de Redenir dos Santos, trae una narración que nos parece fantástica, pero que el autor afirma categóricamente que trata de hechos reales. Al mismo tiempo, discute hechos históricos y geográficos que fueron decisivos para la formación actual del territorio de Arraias, municipio del Estado de Tocantins. En torno a la saga familiar del niño Deco, Redenir logra caracterizar los sujetos y sus imaginarios, los paisajes y lugares de la cotidianidad arraiana, dejando uno de los mejores testimonios, en prosa, de las realidades sociales, simbólicas y culturales del territorio de los sureste de Tocantins.

Palabras clave: Geografía. Literatura. Arraias/TO.

¹ Mestre em Administração Pública pelo Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA) da Universidade de Brasília (UnB). Doutorando em Geografia pelo Instituto de Estudos Socioambientais (IESA) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Arquivista da Universidade de Brasília (UnB). E-mail: costa.erd@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

Redenir dos Santos ingressa no mundo da literatura com a obra *Arraias, um portal para o além*, publicado no ano de 2002. O romance traz uma narrativa que nos parece fantástica, mas que o autor afirma, de maneira categórica, discorrer sobre fatos reais. No mesmo passo, aborda acontecimentos históricos determinantes para a formação atual do território de Arraias, município do Estado do Tocantins.

Este livro conta uma história real. O leitor em alguns momentos duvidará disso. Quanto aos trechos que geram essas dúvidas, dificilmente eu poderia convencê-los da veracidade do que foi dito. (Santos, 2002, p. 13).

“Um homem misterioso falando de Arraias, uma cidade inesquecível.” Tal o título do capítulo que inicia a obra. Uma narrativa fantástica, localizada no imaginário de seu autor, mas também no território real do Estado do Tocantins.

No entanto, segundo ele, foi o suficiente para conhecer mundos fantásticos e inimagináveis. Ele tinha dificuldade em narrar como eram esses mundos. Ao ouvi-lo descrever os lugares que visitou como morto ou quase-morto, assustei-me muito mais. (Santos, 2002, p. 21).

O imaginário, segundo Iser (1999, p. 70), é o ponto de partida para a criação ficcional, pois

O fictício depende do imaginário para realizar plenamente aquilo que tem em mira, pois o que tem em mira só aponta para alguma coisa, alguma coisa que não se configura em decorrência de se estar apontando para ela, é preciso imaginá-la. (Iser, 1999, p. 70).

Redenir dos Santos, em sua obra literária, consegue caracterizar os sujeitos e seus imaginários, as paisagens e os lugares do cotidiano arraiano, deixando um dos melhores testemunhos, em prosa, das realidades sociais, simbólicas e culturais do território de Arraias, Novo Alegre e Combinado, no Tocantins, que hoje formam municípios distintos, mas que, à época da narrativa, constituíam um único domínio espacial. Tem-se, então, um profícuo diálogo entre Literatura e Geografia, a ser explorado pelos estudiosos das duas áreas, como defende Brosseau:

A ideia de diálogo parece surgir da constatação: eu, enquanto geógrafo (no interior das ciências humanas), e o romance (no interior da literatura) constituímos duas esferas autônomas, duas totalidades, até mesmo dois sujeitos; somente um “método” dialógico pode fazer com que se comuniquem. (Brousseau, 2007, p. 89)

2. ARRAIAS, UM PORTAL PARA O ALÉM – UM RESUMO DA OBRA

Em *Arraias, um portal para o além*, o narrador afirma que a história lhe foi contada por um homem misterioso em uma viagem de ônibus entre Recife e Araripina, ambas cidades de Pernambuco.

Durante a viagem, estive ao meu lado um homem que eu não conhecia, mas que me pareceu familiar. Aquele homem tornou-se depois um mistério em minha vida. Eu o procuro até hoje... Este livro é a última esperança de encontrá-lo. (Santos, 2002, p. 20).

Tudo se inicia no ano de 1964, em São Paulo capital, quando uma família, ao receber uma carta, resolve migrar para o nordeste goiano em busca de melhores condições de vida. O lugar para onde foram chamava-se Combinado Agrourbano de Arraias, um assentamento instituído pelo governo Mauro Borges com o objetivo de impulsionar as atividades agrícolas no Estado de Goiás.

Nossa tragédia tomou caminho no mês de agosto de 1964. Minha família morava em São Paulo, na capital. Naquele tempo, eu estava com apenas quatro anos de idade, e ainda que você não acredite, recordo-me com muita clareza de meu pai sentado em uma escadinha estreita de alvenaria, com poucos degraus, que servia para vencer o desnível do terreiro em relação à altura do piso da sala de nossa casa. (Santos, 2002, p. 29).

A vida no novo lugar era dura e difícil, mas a família se adapta e começa a prosperar. O pai da família torna-se funcionário do estado e a mãe mantém uma espécie de armazém. Contudo, o governo militar cassa o mandato do governador Mauro Borges e acaba com o programa de reforma agrária, deixando o Combinado largado à própria sorte. Após uma trama pitoresca e cheia de mistérios e mal-entendidos, o pai da família é

preso em Brasília, transferido para Goiânia depois de certo tempo, acabando preso na cadeia de Arraias.

É no território da cidade de Arraias que o desenrolar da história se concretiza. Na espera do julgamento do pai, a família vai passar por vários momentos de muita dificuldade e tem encontros fantásticos com sujeitos deste mundo e do Além. Com o adoecimento grave da mãe da família, o pai se vê obrigado a fugir de Arraias para levar a esposa em hospitais mais qualificados, deixando para trás os filhos e filhas.

Ao se verem abandonadas pelos pais, as crianças entram em um estado de desolação e depressão, mas logo são resgatadas por familiares e retornam à Colônia de Combinado. Morando com os avós, a criança protagonista da história percebe que suas condições de vida e, principalmente, sua condição mental não melhoram, e resolve suicidar-se para abreviar o seu encontro com o mundo do Além, onde fará uma grande e sobrenatural viagem, nos dezessete minutos em que foi declarado morto, retornando milagrosamente à vida.

Sentei-me na mesa sobre a qual me deitaram como morto e perguntei por que estava ali e por que todos choravam. Então minha mãe, chorando, me abraçou, agradecendo a Deus. Ouvi um dos trabalhadores fazer o sinal da cruz e dizer: – É um milagre! Essa muié tem os podê de Deus! (Santos, 2002, p. 260).

Redenir, o autor do livro, em sua prosa, fala do cotidiano, mas com a mística das lendas e causos interioranos, onde o real e o ficcional estão bem próximos e ligados intimamente no imaginário dos sujeitos. Dessa forma, os significados estabelecidos se articulam, se ressignificam por posturas verbais distintas, sem, no entanto, haver perda da espacialidade, das dores e sofrimentos dos personagens, que, ao mesmo tempo, podem estar em um plano terrestre e no Além. Dá-se, com maestria, o que Marilena Chauí já abordava:

O escritor não convida quem o lê a reencontrar o que já sabia, mas toca nas significações existentes para torná-las destoantes, estranhas, e para conquistar, por virtude dessa estranheza, uma nova harmonia que se aposse do leitor, fazendo-o crer que existira desde sempre e que desde sempre lhe pertencera. (Chauí, 2002, p. 10).

Merleau-Ponty, em *Fenomenologia da percepção*, fala de modo superficial que a literatura tem a capacidade de evidenciar as coisas do mundo, sendo uma análise atenta da realidade, ou seja:

Um romance, um poema, um quadro, uma peça musical são indivíduos, quer dizer, seres em que não se pode distinguir a expressão do expresso, cujo sentido só é acessível por um contato direto, e que irradiam sua significação sem abandonar seu lugar temporal e espacial. (Merleau-Ponty, 2011, p. 201).

É nessa acepção, de licença poética, que Redenir dos Santos estabelece os seus personagens em *Arraias, um portal para o além*, exercendo o Morro da Cruz, o rio Maravilha, o asilo e o córrego Rico, paisagens conhecidas do imaginário do arraiano, um papel fundamental no enredo fantástico narrado. Outros personagens que possuem protagonismo na trama:

- Deca: o homem misterioso que conta a história na viagem de Recife para Araripina, Pernambuco, sendo a criança narradora e a principal figura da história. Era o filho mais velho da família e tinha entre quatro e sete anos de idade à época da história;
- Raimundo: nordestino, forte, líder, corajoso, fica preso em Arraias e é o pai da família;
- Geralda: mulher muito bonita e religiosa, evangélica, fica doente e louca, é a mãe da família;
- Rosimeire, Rosirene, Regina, Didi: são os irmãos de Deca;
- João: nordestino, religioso, evangélico, insensível ao sofrimento do filho Raimundo; é o avô das crianças;
- Hermínia: mulher tímida, calada, é a mãe de Raimundo e avó das crianças;
- Braz: chefe da cooperativa e inimigo mortal de Raimundo; o homem que formaliza a acusação de roubo que complica as explicações de inocência do pai da família;
- João Andrade: o delegado, amigo de Raimundo, responsável pelo relaxamento de sua prisão em Arraias e também por facilitar sua fuga da cidade;
- Velho garimpeiro: morador do asilo, sábio, conhecedor dos portões do mal e do bem, amigo e orientador do protagonista da história;

- A muda: também moradora do asilo, jogava biloca com Deca. A sua morte é o primeiro encontro sobrenatural do nosso herói;
- Davina: chefe das prostitutas, amiga da família. As prostitutas possuem papel central na solidariedade dada à família;
- Dona Eva: compadecida com o sofrimento da família, faz uma arrecadação de dinheiro para ajudar no tratamento de saúde de Geralda e ajuda na fuga de Raimundo de Arraias;
- Seu Quincas Teixeira: amigo, articulador central da fuga do preso, é o responsável pelo retorno das crianças de Arraias para Combinado;
- Zinha: a empregada da família no Combinado. Fica sendo a tutora das crianças e dos negócios da família no momento da prisão de Raimundo. Busca as crianças em Arraias junto com Seu Quincas Teixeira para os entregar aos avós;
- O homem do portão do mal: ser místico, do bem, vindo do além para ajudar Deca;
- O negrinho e o caolho: seres míticos e de outro mundo, são maus e atormentam Geralda em suas crises de loucura.

Esse conjunto de personagens surge no imaginário do autor e ganha vida por se assemelharem a grande parte de sujeitos do cotidiano das pequenas cidades do nordeste goiano e sudeste tocantinense, os quais passam por várias atribulações na sua luta pelo morar, pelo comer, vestir, trabalhar, ou seja, de maneira resumida, pela batalha diária da sobrevivência, do existir.

3. UM FALAR SOBRE O AUTOR

Redenir dos Santos, o autor de uma obra só, *Arraias, um portal para o além*, seu único livro publicado. O que nos leva a indagar: seria essa narrativa a história de vida do seu próprio cronista? Algumas observações nos levam a crer que sim. O primeiro capítulo já nos dá indícios dessa suposição. O companheiro de viagem a quem o narrador atribui a narrativa dos fatos pode, na verdade, ser o seu próprio subconsciente.

Durante a viagem, estive ao meu lado um homem que eu não conhecia, mas que me pareceu familiar. Aquele homem tornou-se depois um mistério em minha vida. Eu o procuro até hoje... Este livro é a última esperança de encontrá-lo. Da mesma forma como surgiu, rapidamente ele desapareceu. Insisto: algo naquele homem me era muito familiar,

mas não o busco somente por isso. É que ele me contou uma história “do outro mundo”, mas que possuía algo de real. (Santos, 2002, p. 20).

Essa comunicação, que julgo ser do autor com o seu subconsciente, é reafirmada ao final da crônica.

Procurei o motorista no ponto de táxi do terminal rodoviário. Ele confirmou que fui da rodoviária até o hotel desacompanhado. Insisti, argumentando com o taxista. Ele, por um momento, se mostrou confuso, me reacendendo as esperanças. Ele então explicou que na noite anterior fizera duas corridas para hotéis. Na primeira havia duas pessoas; na segunda, só havia uma. A minha corrida era a segunda, em que ele tinha certeza de ter conduzido um único passageiro. (Santos, 2002, p. 263).

O autor fala de Arraias, porém não é arraiano. Na sua escrita, ele estabelece uma ligação íntima com o território, com os sentimentos, com a misticidade existente no imaginário do povo arraiano. Como captar essas emoções, essas vivências não conhecendo o lugar? A atração umbilical do misterioso Morro da Cruz com o povo que mora aos seus pés é descrita com muita sensibilidade e exatidão por Redenir dos Santos.

4. O OLHAR GEOGRÁFICO DO AUTOR SOBRE ARRAIAS

Sarlo (1991) nos traz que:

La literatura trabaja com los residuos de los saberes y, en otros momentos, coloca a los saberes en su mismo centro. No existe relación estable con ellos salvo que pueda pensarse que la literatura permanece al margen de los cambios históricos. (Sarlo, 1991, p. 31).

Nessa tônica, Redenir faz uma observação atenta na descrição geográfica dos elementos constitutivos do território arraiano. O narrador principia sua história muito interessado, no primeiro capítulo, em caracterizar Arraias, descrevendo aspectos físicos e sociopolíticos da região: “Arraias, naquele tempo, era uma pequena cidade perdida no sertão de Goiás. Não possuía mais do que oito mil habitantes”. (Santos, 2002, p. 23).

Um fato geográfico de extrema importância é narrado no livro: a fragmentação do município de Arraias para a constituição de outros dois novos territórios.

Hoje, em pleno século XXI, início de milênio, Arraias cresceu pouco em relação ao tempo em que se passou essa história. Sua população,

devido às emancipações políticas de Combinado, com cinco mil habitantes, e de Novo Alegre, com dois mil – ambos eram distritos de Arraias –, diminuiu: é hoje estimada em 11.500 moradores. (Santos, 2002, p. 23).

O reposicionamento de Arraias em relação ao território brasileiro, com a divisão do Estado de Goiás e a formação do Estado do Tocantins, é relatado na narrativa. Em 1989, com a criação do Estado do Tocantins, a demarcação do território foi traçada a partir do município de Arraias, tornando-o cidade fronteira com Goiás, ao sul, e com outros municípios do Tocantins, ao norte, leste e oeste, mas também com o oeste baiano, com quem mantém relações centenárias.

Arraias não é mais uma cidade goiana; tampouco está perdida no sertão. Com a divisão do Estado de Goiás, tornou-se cidade de Tocantins, fazendo divisa com Campos Belos, esta no antigo estado. (Santos, 2002, p. 23).

Com uma visão contemplativa, Redenir retratou a paisagem de Arraias com encantamento e simplicidade. Em sua obra, o autor consegue ir além da paisagem em busca de significações do espaço vivido pelo sujeito da pequena cidade.

No ano de 1966, Arraias era uma pequena e interiorana cidade goiana. Era mesmo bem pequenina. Nunca mais voltei lá, mas acredito que tenha mudado pouco. Naquele tempo, Arraias era bem organizada, arborizada e razoavelmente limpa, as ruas eram calçadas em pedras, havia muitas casas antigas e, claro, uma imponente igreja; à esquerda, ficava o inesquecível e mágico Morro da Cruz, meu confidente e eterno amigo.

A cidade merecia ser tombada como patrimônio histórico da humanidade. Existiam lá muitas coisas feitas pelos escravos. Talvez tenham modificado ou destruído algumas dessas construções. Fui informado de que o Asilo de Arraias, um monumento à caridade do povo arraiano, foi demolido e reconstruído. É assim que as cidades vão perdendo sua memória. Ah, quisera eu que Arraias fosse preservada como aquela do meu tempo de infância. (Santos, 2002, p. 24).

Os morros são a representação, a referência identitária do povo arraiano. Arraias, também conhecida como a Cidade das Colinas, localiza-se no coração do cerrado brasileiro, e, como é natural nessa região, possui inúmeros nascedouros de água, córregos e rios. Sua paisagem, no entanto, é destoante em relação à maioria dos municípios próximos: enquanto as sedes municipais dos vizinhos foram implantadas em terras planas,

Arraias é sediada em um conjunto de serras, vales e morros, características estas que não escapam à percepção atenta e sensível do escritor.

A cidade é cercada por morros. O rio Maravilha, que é muito raso, encontra-se com o córrego Rico, muito raso também. O rio passa na cidade acompanhando as curvas do pé do Morro da Cruz, com o qual a cidade se limita ao norte.

Arraias seguia uma rotina previsível. Todos os moradores sabiam exatamente o que iria acontecer no dia seguinte, com exceção, é claro, de quem iria morrer. Sabiam até mesmo qual vendedor viajante chegaria à cidade e em que dia da semana e do mês. (Santos, 2002, p. 24).

Características como o mandonismo, o coronelismo e o racismo fazem parte da construção histórica, social e cultural de Arraias em seus 281 anos de fundação. É o território de alguns povos quilombolas: Mimoso, Lagoa da Pedra, Lagoa dos Patos e Cágados. Essas comunidades já possuem o reconhecimento do Estado, porém, ainda hoje, não detêm a titularização de suas terras. O passado escravocrata persiste com as suas contradições no ambiente arraiano, assim, como nos narra a obra:

Arraias era também de muitos fazendeiros. Alguns deles ainda empregavam descendentes diretos de escravos, os quais praticamente não tinham mudado suas condições de vida após a abolição. Uma coisa é certa: pelo menos já não pagavam por seus castigos no tronco. No entanto, não puderam mudar suas vidas, devido à ignorância que os cercava.

A vida naquela época era difícil. Quase não havia acesso a informações, devido à precária formação escolar. Também faltava ofício que proporcionasse renda.

Naquele distante ano de 1966, tudo o que os negros produziam era quase que somente em troca de comida. A sobrevivência na cidade era muito difícil. E mesmo assim o destino obrigou minha família a ir morar em Arraias, cidade que eu nunca esqueceria, por mais que tentasse. (Santos, 2002, p. 24).

O sertão, o longínquo, o vazio, o lugar isolado. Por muito tempo, Arraias permaneceu, resistiu, persistiu no coração do cerrado brasileiro, quase em uma situação eremítica. Tem-se, na caracterização do espaço tocantinense pelo autor, a descrição das dificuldades de acesso a esse rincão, condição que só foi amenizada com a criação do Estado do Tocantins, que muda a dinâmica socioespacial da região.

Fato peculiar, que não se pode esquecer de levar em conta: a distância de Arraias dos grandes centros. As capitais mais próximas são Brasília e Goiânia. Hoje, as distâncias que as separam de Arraias são quase nada, algo em torno de 450 quilômetros para Brasília e 600 para Goiânia.

Quando digo “quase nada”, refiro-me ao progresso das comunicações, ao aumento do número de automóveis e, acima de tudo, ao novo desenho e à pavimentação da estrada que liga Brasília a Arraias. Naquela época, 1966, a estrada era de terra, em condições precárias. E havia pouca oferta de transportes. A distância parecia uma eternidade... O asfalto só ligou Arraias a Brasília dezenove anos depois, em 1985. A cidade não possuía um só aparelho de televisão. Rádio, contando com o nosso, apesar de tantos afortunados fazendeiros e comerciantes, talvez não houvesse mais de uma dezena, para que nas noites pudessem sintonizar alguma emissora. Facilidades proporcionadas pela tecnologia eram coisa rara. Imagine só: um dia meu pai emprestou um liquidificador para o proprietário de um bar e o aparelho se tornou assunto por longo tempo e objeto de cobiça na cidade. (Santos, 2002, p. 25).

A contradição capital-trabalho estabelece disparidades entre as regiões, levando algumas a acumularem mais capital que outras; logo, algumas regiões ofertam mais trabalho que outras. Dentro desse cenário, o sujeito arraiano, há séculos, é forçado a migrar. Essa realidade não passa despercebida na narrativa de Redenir.

O atraso em Arraias, creio, facilitava a vida para os mais ricos, que podiam mandar seus filhos para Goiânia, “estudá pra sê dotô”, afirmação prazerosa e comum de alguns dos grandes fazendeiros e comerciantes daquela época, entre eles alguns de elevada honra e pouca habilidade no trato com as pessoas. Podiam ainda, duas, três vezes ou até mais, durante o ano, ir a Goiânia, em suas potentes “rurais” ou caminhonetes, visitar os filhos e amigos, ver e conhecer de perto as novidades que surgiam na capital. (Santos, 2002, p. 25).

Vê-se, na descrição de Arraias, uma característica existente ainda hoje: a extrema desigualdade social da sua população e o uso dessa realidade para a permanência do poder na região.

No entanto, o atraso, as dificuldades geográficas e políticas de Arraias, além dos escassos recursos concentrados nas mãos de poucos, maltratavam e dificultavam a vida dos filhos e moradores mais pobres do lugar. Mas o atraso maltratava muito mais, principalmente aos negros de Arraias, que viviam de pequenos trabalhos e dos raríssimos empregos que a cidade podia oferecer naquela época.

Vivia-se ainda dos pequenos serviços domésticos e das poucas lavagens de roupa feitas pelas mulheres. Algumas, principalmente as mais jovens, devido à falta de renda e à extrema pobreza, eram obrigadas a ganhar a vida na Rua da Alegria. Logicamente, à medida que envelheciam, aumentavam as dificuldades para exercer o “ofício”. A pobreza que envolvia grande parte da população da cidade mostrava-se, às vezes, tão cruel quanto a falta de fé e de esperança. Entretanto, todos os pobres de Arraias sustentavam-se principalmente de suas esperanças e da fé religiosa. (Santos, 2002, p. 25).

5. A FRAGMENTAÇÃO DO TERRITÓRIO EM REDENIR DOS SANTOS

A política pública estabelecida pelo governador do Estado de Goiás que levou à fragmentação do território arraiano foi idealizada à maneira das sociedades cooperativas de Israel: Kibutz, Moshav Shitufi e Moshav Ovdim. Surge, assim, no centro geográfico do cerrado brasileiro, o Combinado Agrourbano de Arraias. Em seu governo, Mauro Borges (1961 – 1964) tentou administrar com base no Plano de Desenvolvimento Econômico que estabelecia cooperativas e reforma agrária como pilares do progresso de Goiás. Redenir dos Santos, em sua obra, é sensível a essas transformações no sertão arraiano:

O governador goiano, em pleno governo revolucionário dos militares, também fazia a sua ‘revolução particular’, no campo da Reforma Agrária. Ele executava um audacioso plano de distribuição de terras com várias promessas: de incentivos, ajuda por meio de programas extensivos de assistência técnica e outras facilidades nunca vistas, pelo menos até aquele tempo. Tais promessas eram feitas a todos que desejassem povoar e produzir numa grande região de florestas pouco habitada. (Santos, 2002, p. 32).

O sonho do então governador de criar uma nova sociedade moderna e desenvolvida no norte do Estado de Goiás é expresso no imaginário do nosso autor:

O governador Mauro Borges, naqueles passados e distantes anos de 1963 e 1964, comandava o início da implantação de um ousado plano de Reforma Agrária em Goiás. Foi o que ele chamou de ‘Combinado Agrourbano de Arraias’. O Combinado se constituía de colônias agrícolas com tecnologia de primeiro mundo. A idéia do governador goiano tinha a família como base econômica e social. Ele criara um novo tipo de sociedade rural. O governo goiano contratou assistência técnica do Estado de Israel; trouxe até animais de raças nobres daquele país, para a melhoria dos plantéis existentes nas colônias. O governador esforçava-se muito para o desenvolvimento e consolidação do projeto. Era algo grandioso em termos de ideal e ousadia política. (Santos, 2002, p. 33).

O olhar do narrador sobre a espacialidade das colônias e sua forma de organização coletivista no uso dos bens públicos é um registro importante tanto para o povo arraiano quanto para o povo de Combinado e Novo Alegre, pois essa dinâmica, mais tarde, levaria à divisão do território arraiano e o estabelecimento dos novos territórios:

As colônias eram dotadas de vários equipamentos públicos, como hospitais, escolas e água encanada. Em algumas partes existia até água para irrigação das lavouras e energia elétrica gerada por grupos geradores. Mas mesmo assim construíram uma usina hidrelétrica, a usina do Rio Mosquito.

O governador goiano executava a idéia do Combinado preocupando-se com o campesinato goiano; no entanto, surpreendentemente, ali desembarcou gente de todas as partes do país. Chegavam famílias inteiras, pequenas e grandes, com filhos de várias faixas etárias, oriundas principalmente de Minas Gerais e da Paraíba. Chegavam também homens solteiros e mulheres idem. Outros que deixavam as famílias para trás na tentativa de ganhar dinheiro e a elas enviar. (Santos, 2002, p. 34).

As nomenclaturas da nova região, o órgão estatal responsável pela implantação do projeto de reforma agrária são objeto de descrição detalhada na prosa:

O Idago, órgão criado para desenvolver o plano de Reforma Agrária do governador Mauro Borges, dividiu a área de terra em regiões administrativas. Ainda assim era difícil a administração das colônias. O local onde fomos morar era denominado “Acampamento”. Ficava exatamente no centro das Colônias. Além do Acampamento, existiam outros quatro lugares: a R-1, a R-2, a R-3 e a R-4, que eram conjuntos de glebas entregues aos colonos interessados em cultivar as terras do estado. As glebas rodeavam o Acampamento, que centralizava o funcionamento da administração local do projeto das colônias. (Santos, 2002, p. 35).

A ascensão do governo militar à presidência do Brasil e a posterior cassação do governador Mauro Borges sacramenta o fim do projeto do Combinado Agroubano de Arraias. Esses eventos acabam por deixar a região em total abandono e isolamento perante a centralidade do governo de Goiás. Fatos estes que, posteriormente, serão fundamentais para o estabelecimento de dois fenômenos que mudaram toda a dinâmica territorial e identitária da região. O primeiro, dentro de uma lógica nacional, a luta pela divisão do Estado de Goiás e formação do Estado do Tocantins, fato consumado na Constituição Federal de 1988.

O tempo mostrou que a visão do governador Mauro Borges era acertada, e ele tinha razão também quanto à sua decisão de desenvolver a parte mais pobre e esquecida do estado, a região norte. Tanto que os habitantes daquela área territorial gritaram anos depois exigindo o desenvolvimento, pois os governos de antes e depois de Mauro Borges demonstraram pouco interesse pela região. Por isso mais tarde a população pediu – e conseguiu – a divisão do estado. (Santos, 2002, p. 33).

O segundo, de caráter regional, a luta pela emancipação e municipalização dos territórios do Combinado e do Novo Alegre e a consequente fragmentação do território Arraiano. Todos esses episódios, de importância imensurável para aqueles lugares, estão também narrados no trabalho de Redenir dos Santos:

Hoje, em pleno século XXI, início de milênio, Arraias cresceu pouco em relação ao tempo em que se passou essa história. Sua população, devido às emancipações políticas de Combinado, com cinco mil habitantes, e de Novo Alegre, com dois mil – ambos eram distritos de Arraias –, diminuiu: é hoje estimada em 11.500 moradores.

Arraias não é mais uma cidade goiana; tampouco está perdida no sertão. Com a divisão do estado de Goiás, tornou-se cidade de Tocantins, fazendo divisa com Campos Belos, esta no antigo estado. (Santos, 2002, p. 23).

Assim, novas fronteiras passaram a marcar os limites geográficos do território arraiano: ao norte, os municípios de Conceição do Tocantins, Taipas e Taguatinga; ao sul, o Estado de Goiás; a leste, Novo Alegre, Combinado e Aurora do Tocantins; e o município de Paranã a oeste. Desta maneira, podemos definir também que Arraias na sua luta pelo existir, sempre foi uma região de fronteira, que vão muito além das geográficas. Assim como coloca Martins (2009):

Fronteira de modo algum se reduz e se resume à fronteira geográfica. Ela é fronteira de muitas e diferentes coisas: fronteira da civilização (demarcada pela barbárie que nela se oculta), fronteira espacial, fronteira de culturas e visões de mundo, fronteiras de etnias, fronteira da história e da historicidade do homem. E, sobretudo, fronteira do humano. (Martins, 2009).

6. O LEGADO DE REDENIR DOS SANTOS AOS ARRAIANOS

Para Moreira (2011), “a literatura talvez seja a forma mais pura de apreensão da geograficidade” e “fazer dialogar a geograficidade do romancista e a geograficidade do geógrafo pode ser assim um exercício dos mais estimulantes para a reflexão em geografia”.

Redenir dos Santos, com sua literatura, exalta o território do Tocantins, mas mui em especial o território de Arraias, descrevendo suas paisagens e lugares do seu cotidiano, apresentando seu povo com um dos melhores registros das realidades sociais, simbólicas

e culturais do sudeste tocantinense. No mesmo passo, aborda acontecimentos históricos e geográficos determinantes para a formação atual do território de Arraias.

Além do registro da espacialidade e da historicidade do local, o autor consegue caracterizar os sujeitos e seus imaginários, falando do cotidiano imiscuído à mística das lendas e causos interioranos, onde o real e o ficcional estão bem próximos e ligados intimamente no imaginário dos habitantes. O imaginário do autor deste artigo é também contemplado pelo narrador, visto que, morador de Arraias, partilha desde criança do ideário de misticismo que sempre sentiu pairar sobre a cidade.

Redenir traz, na sua obra, a fronteira arraiana com o místico, com os mundos inimagináveis, com os seus sincretismos de religiosidade, dos afetos e do imaginário, de um povo forte, conquistador e criativo, que persiste em criar maneiras e formas de reinventar o espaço de vida com sua história, cultura e principalmente com suas, sempre presentes, esperança e fé.

Assim, é necessário destacar a importância da obra de Redenir dos Santos como legado ao povo de Arraias, que deve tê-la como criação artística representativa do acervo cultural tocantinense, devendo sua leitura ser estimulada em prol da conservação da memória da formação de seu povo e de seu território.

Fazer da geografia uma análise da experiência humana é voltar-se para a maneira como o indivíduo toma consciência daquilo que é, através dos lugares onde vive, das paisagens que lhe são familiares e daquelas onde se sente à vontade, das ruínas que lembram o passado e dos equipamentos que convidam a ver o futuro. (Claval, 2014, p. 238).

A literatura de Redenir dos Santos é uma prova de que a geografia pode ser apreendida de diferentes formas e sob diferentes perspectivas. Em suas páginas, encontramos um mergulho profundo na geograficidade de Arraias, que vai além de simples descrições de lugares e eventos. O autor nos apresenta uma jornada emocionante pela história, cultura e imaginação de seu povo, fazendo-nos sentir como se estivéssemos vivendo na própria região. Sua obra é um convite para que todos nós nos conectemos com a geografia de nossas próprias terras e comecemos a enxergar a beleza e a riqueza que nos rodeiam. Mais do que uma simples leitura, a literatura de Redenir dos Santos é uma experiência que nos ensina a valorizar a história e as tradições de nossos lugares,

permitindo-nos reconhecer nossa própria identidade como seres humanos que vivem em um mundo marcado pela diversidade e pela singularidade de cada região.

7. REFERÊNCIAS

BROSSEAU, Marc. Geografia e Literatura. IN: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). *Literatura, Música e Espaço*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2007. p. 89

CLAVAL, Paul. *Epistemologia da Geografia*. Florianópolis: UFSC, 2014. p. 238

ISER, Wolfgang. O fictício e o imaginário. In: ROCHA, João Cezar de Castro (Org.). *Teoria da ficção: indagações à obra de Wolfgang Iser*. Trad. Bluma Waddington Vilar e João Cezar de Castro Rocha. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 70.

MARTINS, José de Souza. *Fronteira: A degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: Contexto, 2009.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 201.

MOREIRA, Ruy. *Pensar e ser em Geografia*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 158.

SANTOS, Redenir dos. *Arraias, um portal para o além*. Brasília: Projecto Editorial, 2002.

SARLO, Beatriz. *La audácia y el cálculo: Kirchner 2003 – 2010*. Buenos Aires: Sudamericana, 2011. p. 31.

Recebido em 10/10/2023

Aceito em 18/11/2023

Publicado em 26/01/2024